



GOBAIA

ANO I — Nº II
OUTUBRO/1993
UNIVALI
ITAJAÍ — SC

Esperando pela vida

Cleide Ramella



Falta de infraestrutura nos hospitais de Santa Catarina só possibilita transplante de córnea e rim

Pág. 6

Farol



Itajaí: cadeia populosa

Violência

Quem é contra a delegacia da mulher?

Pág. 6

Falta serviço

Itajaí não enxerga baixa nos empregos

Pág. 7

Hospital Infantil

UTI Pediátrica mantida desativada

Pág. 6

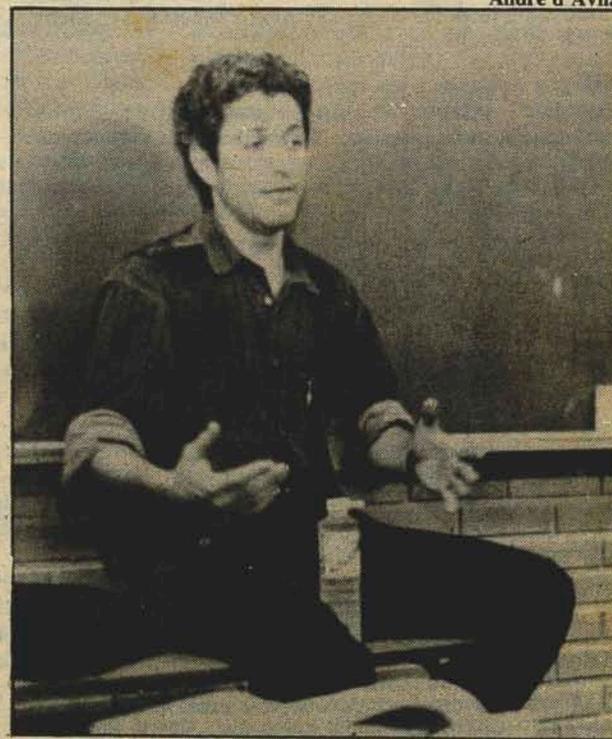
Depósito de gente

Centrais

Denúncias de desvio de dinheiro no DCE

Pág. 3 Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

André d'Avila



Repórter Caco Barcellos, da Globo, esteve na Univali

Abuso de poder

Centrais

“O Congresso Nacional é o espelho da sociedade”. Esta frase é dita e repetida pelos quatro cantos do Brasil para envolver toda a população e fazê-la sentir uma parcela de culpa por eleger deputados e senadores corruptos. Ser enganado uma vez é normal. O que o eleitor não pode fazer é se deixar enganar novamente, com o risco de carregar o pesado fardo de ter um “João Alves como espelho”.

A sociedade aceita os fatos sempre como distantes. Poucas pessoas associam os acontecimentos nacionais aos locais. A democracia deve ser treinada nas comunidades, associações, universidades, etc., com a finalidade de ser bem praticada nas eleições maiores. Já pensaram se um grupo de empresários resolve pedir para o Congresso Nacional alterar “rapidinho” a Constituição a fim de reeleger o Presidente da República, sem consultar a população?

Pois é, UNIVERSITÁRIOS! É isso que fizeram conosco! Onde iremos treinar a democracia para não errarmos depois?

Eduardo W. Ramos

ESPALHAFATOS

Golpe do estatuto

Na última quarta-feira o CUn (Conselho Universitário) aprovou a mudança do artigo 29 do estatuto da Universidade. De acordo com este artigo o reitor não poderia ser reconduzido ao cargo por dois mandatos. Os diretores de Faculdade, alguns professores e entidades civis organizadas convocaram a reunião e, por 41 votos a cinco, foi aprovada a mudança do artigo. A partir de agora todos os professores, diretores e inclusive o atual reitor Edison Villela, podem concorrer ao cargo. A eleição será no primeiro semestre do ano que vem. “Santa democracia!”

Quem comeu o carneiro?

Espaço aberto para o repúdio dos alunos do sexto período do curso de Jornalismo. Em recente eleição para cargos ligados às lideranças do curso, “esqueceram” do nome de Vilmar Felício Adriano, popular “Carneiro”. Numa prévia dos alunos o nome dele foi lançado e aprovado para candidato à vaga no Conselho Departamental. Inexplicavelmente o nome de Carneiro não apareceu na cédula. Aguardamos resposta e esperamos a digestão de quem “comeu o Carneiro”...

CPI da rádio

É CPI do Orçamento, Revisão Constitucional, etc... Com tanta agitação no Congresso Nacional a Univali arranjan boas desculpas para adiar a implantação da “rádio-laboratório”. De acordo com Hélio Floriano “Magru”, apesar de ter sido aprovada a rádio para a universidade, os “idóneos” parlamentares ainda precisam assinar a “papelada”. Tantas assinaturas distribuídas em causa própria e nenhuma para uma causa tão nobre: a formação prática e teórica dos futuros jornalistas.

COBAIA

Cobaia é o jornal-laboratório do Curso de Jornalismo da Univali (Universidade do Vale do Itajaí)

Conselho Editorial: alunos do Quinto Período do curso — Adriana Fermiano, Alfredo Rosa Ramos, André Pinto Silveira, Christiane de Oliveira, Cláudia Batschauer, Daniela Maia Fortes, Eduardo Wendhausen Ramos, Emerso Pedro Ghislandi, Fabiana Cadi Benhke, Geraldo Felipe Santiago Santos, Gislene Maria Bastos, Janaina Daros Juvenal, Krisley de Aquino Rosa, Maria Regina da Costa Vizotto, Mônica Proença Rosa, Roberta Dietrich, Rubens Flores, Stênio dos Santos Stein, Vilmar Felício Adriano, Denise Bertotti.

A coordenação do jornal-laboratório é do professor José Augusto Gayoso. Participam os professores Alcebiades Muniz (fotografia), Alexander Fernandes, Alberto Russi (reportagem), Guilherme Diefenthaler e Fábio Muniz (redação)

Todos os textos e fotografias, bem como a execução do planejamento gráfico, diagramação e acompanhamento de montagem são trabalhos dos alunos.

Lavanderia

Aqui o Cobaia faz autocrítica

A edição n.º 1, que circulou com data de setembro, ficou muito melhor que a anterior — ainda bem! Mas este é um jornal laboratório, todo mundo está aprendendo, ninguém nasce sabendo e jornal laboratório serve para isso mesmo. Em outras palavras: sobrou bastante furo, barrigas e abóboras. Veja algumas:

● A reportagem sobre alcoolismo só entrevistou letras? O “sr. G”, a “dona A” e o “seu C” parecem ter saído daqueles livros infantis que ensinam o abecedário para as crianças. Só lá no fim do texto explica-se “o porquê do anonimato”. Tudo bem que as pessoas não se identifiquem, isso é norma dos Alcoolicos Anônimos, etc., etc. Mas nada justifica que o sujeito não seja contextualizado, por exemplo, citando a sua profissão ou um dado referencial qualquer, até para se dar mais importância ao seu depoimento. Outra coisa: a explicação sobre “o anonimato” deveria estar mais acima. Aí a frase ficaria mais ou menos assim: “É difícil imaginar que o advogado G.L., um florianopolitano de 40 anos que não pode ser identificado por norma dos A.A., tenha sido alcoólatra”.

● Ainda na mesma matéria, uma repetição desnecessária, uma incoerência e dois lapsos. A repetição: o texto diz duas vezes que o alcoolismo é uma doença incurável (no primeiro e no segundo parágrafos). Logo em seguida, afirma que “para se livrar do problema, somente através da força de vontade” — mas como, se a doença é incurável? Por fim, os lapsos: faltou uma boa entrevista com algum médico, informando quais são os sintomas do alcoolismo como doença, e números, muitos números. Se 10% da população é alcoólatra, quantos alcoólatras existem em Itajaí? Quantos casos a polícia registrou este ano de crimes envolvendo o alcoolismo?

● Uma questão formal, que come espaço gratuitamente, diz respeito àquela regrinha de como grafar números. Depende muito de convenção, mas o mais aceito é o seguinte: de um a dez, por extenso; dali em diante usando algarismos. Por que gastar 12 toques escrevendo “vinte e dois” quando se pode escrever “22”? A maioria dos textos do “Cobaia” não considerou essa regra.

● A reportagem sobre o atendimento odontológico feito dentro da Univali conclui com um elogio rasgado, forçado, demagógico e artificial ao diretor do curso, que curiosamente nem é identificado. O trecho é um despropósito: “Muitos benefícios adquiridos pelo curso se devem ao diretor do curso, que sempre está em busca de novos convênios, contratos e melhorias”. E tem mais, da “lavra” do próprio redator: “Ele (o diretor) não pôde nos dar entrevista no dia em que o procuramos porque estava em Bauru, firmando novos convênios para a Faculdade de Odontologia”. E daí? Trata-se de uma “desculpa ao editor”. Nada a ver com a matéria.

● Mais uma sobre a mesma reportagem. Falou-se que é feita “uma triagem entre os pacientes”, mas não se informou sob que critérios. Todo mundo pode ser atendido? Depende de renda ou coisa assim? Como deve proceder um interessado?

● “Menores nas ruas são vítimas de abuso sexual”, anuncia, com estardalhaço, o título da página 3. E traz um texto falando da falta de entidades de assistência ao menor em Itajaí. O título “promete” uma matéria-denúncia e não cumpre. Para completar, junta duas bobagens explícitas: a frouxa “revelação” de que um professor anônimo da Univali teria o hábito de manter relações sexuais com menores (quem “acusa é um tal de J.S.) e a maneira usual de uma prostituta praticar sexo (papai-mamãe).

● Difícil imaginar de onde os autores do texto sobre o mercado do sexo tiraram a informação de que os filmes do gênero pornô têm produções cuidadosas e de qualidade. “Estão para chegar ao mercado os filmes com duas horas de duração, os chamados longa-metragens”, diz a matéria. Já faz muitos anos que existem longas-metragens pornográficas. Faltou, também, engordar a reportagem entrevistando um desses aficionados no gênero, “que conhecem os principais diretores e conseguem citar os clássicos sem muito esforço”. Costumam ser pessoas bastante curiosas.

● A entrevista com o advogado Dalmo Vieira começa com um tremendo nariz de cera que deveria estar no texto ao lado, sobre liberdade de expressão. E a matéria sobre liberdade de expressão se limita a citar casos antigos

de censura. Teria sido muito mais interessante e menos lugar-comum abordar as restrições atuais à livre imprensa, que vêm se multiplicando na era pós-Collar.

● Uma boa pesquisa enfocando as opiniões dos nordestinos sobre o separatismo ficou sacrificada por conta de falhas na edição. O texto ficou perdido, faltou explicar no “lead” que foi feita uma pesquisa entre os participantes do encontro de estudantes de comunicação, em Recife, e foram ouvidas tantas pessoas etc e tal. A matéria começa sem pé nem cabeça: “Dos nordestinos entrevistados, 87% são contra o separatismo”.

● A nota sobre o aparecimento do corpo de um golfinho na Praia Brava parece ter sido escrita por um médico legista, tantas as palavras técnicas espalhadas pelo texto. Expressões como “objetos perfuro-cortantes”, “provável causa mortis”, “dados morfométricos” e “corpo osteológicos” são mais próprias de boletim do IML do que de texto jornalístico.

● Muito superficial a nota sobre a criação da Faculdade de Comunicação e Artes. O assunto é mais importante do que a meia dúzia de linhas dedicadas a ele. Merecia matéria maior, em espaço de destaque, aprofundando a história e aproveitando a chance para falar das condições atuais do curso, progressos, retrocessos, expectativas dos alunos, perspectivas de futuro, etc.

● Jornal de-vez-em-quandário não pode fazer referências temporais muito próximas, falando do que aconteceu poucos dias antes da circulação. Se fizer, corre o risco de defasar antes de chegar na mão do leitor. Como aconteceu com a nota sobre a Semana de Jornalismo, que começava assim: “Desde segunda-feira, os estudantes e professores da Faculdade...” A Semana até já terminou e o leitor certamente vai ficar perdido quando ler esse registro: de que segunda-feira está falando?

● Outra importante questão formal é a da montagem, que foi muito malfeita, passando uma impressão de desleixo para o leitor, com aquela coleção de legendas tortas e fora do lugar, gráficos relaxados, fios e cortes em fotografias colocados às pressas.

“A Universidade cresce”

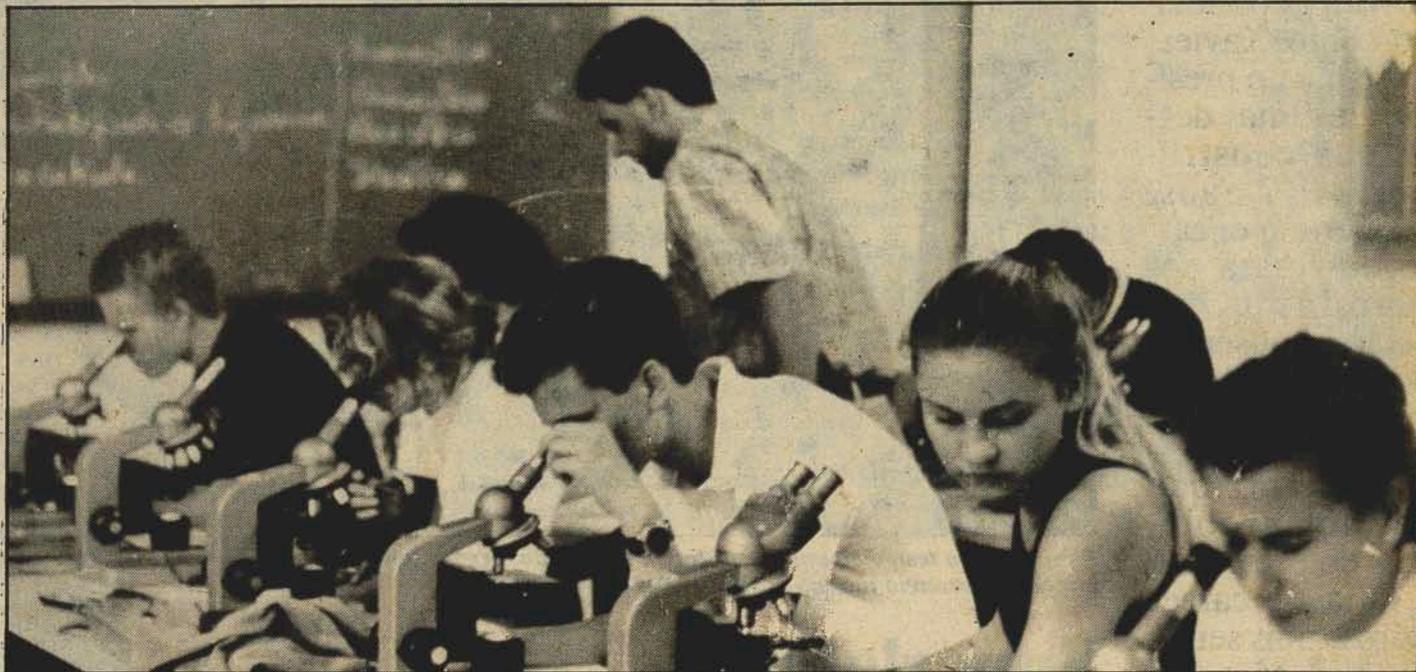
Arthur Leitis

A Universidade do Vale do Itajaí (Univali) tem 20 cursos. Para criar cada um deles ela respeita dois princípios básicos: necessidade e aceitação da disciplina na região. Com base em pesquisas e monografias de professores da própria instituição, traça-se o perfil que o curso deverá ter para melhor atender à sociedade.

A Univali segue uma carta-consulta criada em 1986 exclusivamente para a instituição. Nela estão relacionadas todas as faculdades que a Universidade pode criar. Para isso é realizada uma análise em todo o País dos cursos que existem, fazendo uma comparação com até outras 10 universidades. A definição do número mínimo de alunos e créditos é responsabilidade do Conselho Federal de Educação.

“A nossa característica básica é atender níveis da saúde e áreas das ciências humanas e sociais”, afirma Suely Pretry da Luz, pró-reitora acadêmica, justificando a criação recente dos cursos de Farmácia e Bioquímica e Oceanografia.

Para cada curso criado, a Universidade prevê no projeto todos os laboratórios necessários. Com esta rápida expansão, é preciso dar início à construção de novas salas de aula, atendendo às necessidades das diversas faculdades. A biblioteca compra mensalmente os livros solicitados, de maneira a atender todos os pedidos. “Nos últimos



“Farmácia e bioquímica, o curso mais novo”

quatro anos nenhum pedido de compra de livros foi negado”, afirma Marilisa Rodrigues Trés, responsável pela biblioteca.

Não há previsão para a instalação de novos cursos. Em 1989 foram aprovados fisioterapia e engenharia, mas

não serão implantados de imediato, até que os mais recentes estejam consolidados. Uma decisão a nível de administração superior afirma que até junho de 1994 não haverá implantação de nenhum outro curso, porque os mais novos deverão ser reconhecidos pelo Conselho Estadual de Educação. A exem-

plo de Ciências do 1º grau, Biologia e Matemática, Turismo e Hotelaria, Fonoaudiologia e Ciências da Computação. O trabalho está sendo intenso a nível de pró-reitoria acadêmica, para que as novas turmas formadas tenham seu reconhecimento como faculdades.

Arthur Leitis, Roberta Freitas

Evasão X Repetência Problema preocupa Prefeitura

Desde o início do ano a Secretaria Municipal de Educação vem realizando estudos sobre a evasão escolar e um dos fatos que chamou a atenção do Secretário Osny Rosebrock foi o baixo índice de evasão em Itajaí. O Censo, como é chamado, é realizado com crianças que iniciaram suas atividades escolares em 1986 e que se formam na oitava série no final de 93. O objetivo do trabalho é direcionar a aplicação do Plano Decenal de Educação para Todos, elaborado pelo Ministério da Educação, mas isto só será possível no final do ano, quando a secretaria irá dispor de dados precisos sobre os índices de evasão e repetência.

O número de alunos matriculados em 1986 era de 1600 e destes, vão se formar em 93 apenas 202 alunos, ou seja, cerca de 20%. Mas o problema não é a evasão. De acordo com a Secretaria Municipal de Educação, dos matriculados em 86, a minoria concluirá o primeiro grau em oito anos enquanto grande parte conclui em 10, 12 ou até 13 anos.

De acordo com a professora Rosa Sedrez, funcionária da Secretaria os alunos repetem de ano, na maioria das vezes, na 3ª, 4ª, 5ª e 7ª séries e não na primeira, como se imagina, e são estes alunos que encarecem os gastos do município. “Essa repetência é um pouquinho de falta de empenho da escola”, conclui a professora. Para resolver o problema de repetência escolar, a secretaria pretende estimular nas es-



Índice das escolas municipais aponta repetência como maior problema

colas a leitura de jornais de circulação estadual. Além disso, será aplicado o programa de recuperação paralela, que procura conscientizar a escola com relação à gerência da repetência.

Outro problema é o elevado número de alunos transferidos das escolas particulares para as do município. Somente este ano, cerca de 373 alunos vieram transferidos de escolas particulares devido aos altos índices de aumento nas mensalidades escolares. Somente na Escola Básica João Duarte, a campeã de transferências, com 42 alunos.

Texto e fotos Bartson Campos

Corrupção estudantil

Denúncias de rombo nas contas do DCE

Começou a terminar de maneira melancólica a já tão criticada gestão do grupo “O Tempo não Pára” e da presidente Maria Antonieta Pinto, a Tieta, no DCE (Diretório Central dos Estudantes) da Univali. Restando somente trinta dias para encerrar o mandato, o Diretório sofreu um forte impacto no final de setembro com as denúncias de desvio de aproximadamente 250 mil cruzeiros reais da entidade. Integrantes da própria Diretoria constataram também irregularidades administrativas que teriam sido cometidas pela presidente Tieta, a diretora financeira, Carla Knabben, a Cebola.

Não há uma acusação formal contra nenhum dos integrantes da diretoria pelo desaparecimento do dinheiro, que foi arrecadado no baile dos calouros.

Mas numa reunião da direção do DCE, dia 23, sem a presença da presidenta e da diretora financeira, as duas foram responsabilizadas pelo desvio dos valores e pelas irregularidades. Elas, quando? Se não estavam na reunião de que estavam envolvidas e num encontro realizado no dia seguinte a diretoria voltou atrás. Diante do impasse e das pressões para a renúncia de “Tieta” e “Cebola” que não aconteceu houve uma demissão coletiva dos diretores.

Conforme o que foi registrado nas

atas das reuniões, chega a ser cômica a explicação oficial do caso de desaparecimento do dinheiro. Segundo a ata, após o término do baile dos calouros, a quantia arrecadada antes de seguir para o DCE, passou pela casa do ex-estudante de Ciências Contábeis, Adriano Pereira, o “Batata”, um dos articuladores do grupo “O Tempo não Pára” nas eleições do ano passado. Está registrado ainda que os responsáveis pelo dinheiro eram o próprio Adriano e o estudante de Economia, Evandro L. de Oliveira, o “Jesus”.

Nas declarações prestadas ao Co-baia, “Cebola”, “Tieta” e “Jesus” se eximiram de qualquer responsabilidade pelo sumiço do dinheiro, bem como das outras irregularidades denunciadas. A presidente do Diretório dos Estudantes admitiu, no entanto, que a sua gestão e do grupo “O tempo não Pára” foi “incompetente”. E que o total desviado chega a CR\$ 150 mil, e não a CR\$ 250 mil, conforme denúncias nas reuniões.

Entre outras irregularidades apontadas, está o pagamento de uma festa de aniversário da presidente “Tieta” com um cheque do DCE e a realização de gastos sem qualquer comprovação. Sobre estes episódios, Maria Antonieta garantiu que foram todos regularizados.

Chico Boeving

O investigador da polícia, José Roberto Xavier, conhecido como Xavier, trabalha no presídio de Itajaí desde sua construção, há 7 anos. Xavier é o encarregado para comandar o cadeia na ausência do Diretor Antônio Barbosa.

Ele diz que um dos problemas do presídio é a falta de carcereiros, pois sem a fiscalização dos mesmos a circulação de drogas não pode ser eliminada. "Com poucos carcereiros o controle e a vistoria ficam difíceis, pois não há tempo para isso", salienta.

Xavier afirma que os detentos tem um tratamento adequado tendo em vista as poucas condições



Para passar o tempo alguns presos fazem artesanato: vendem ou trocam por comida e cigarros, criando o comércio interno

Superlotação

Faltam condições e sobra revolta

do presídio. Segundo ele todos recebem café, almoço e jantar.

O investigador apontou outro problema do presídio: os estupradores e assassinos são transferidos para o cadeia de Balneário de Camboriú, pois os outros criminosos não per-

doam tais infrações, podendo até matá-los. Já foram transferidos 22 pessoas para Balneário, que também está convivendo com a superlotação.

O presídio de Itajaí recebe do governo uma diária de cento e doze cruzeiros reais por preso, reajustados mensalmente.

André d'Ávila



A recuperação do drogado é um caminho difícil de ser percorrido

Mulheres consomem mais estimulantes

As autoridades estaduais ainda desconhecem a amplitude do consumo de drogas pela sociedade. Mesmo sob regime especial de controle as farmácias e drogarias comercializam remédios e substâncias entorpecentes.

A Vigilância Sanitária, órgão da Secretaria da Saúde de SC encarregado de manter o controle destes medicamentos, não dispõe de meios eficientes para conter a venda irregular. "Para comprar é muito simples, basta ir à farmácia e pedir sem receita, sem nada". A afirmação feita pela estudante de Fonoaudiologia procede. Existem remédios como o Benflogin, CR\$ 409,00, que "dispensam" a apresentação da receita médica e quando consumi-

dos em excesso causam alucinações. Mais baratos que os inibidores de apetite e calmantes como o Dualide e o Valium, tornam-se mais procurados e difundidos. Para obter as "boletas", outros recursos podem ser adotados com sucesso. A falsificação da identidade e do registro do médico em receitas copiadas ou roubadas são toleradas pelos farmacêuticos. Em determinados casos ocorrem compras de diversos medicamentos diferentes. O Dualide é o campeão de vendas desta modalidade, ao custo médio de CR\$ 1.032,00. A ele é atribuída a fama de despertar o libido. Para Jairo Brincas, diretor do CONEN (Conselho Estadual de Entorpecentes), as drogas adquiridas legalmente representam uma pe-

quena porcentagem, já que a sociedade em geral não considera o cigarro e o álcool como drogas. É complementa: "Estes ainda matam mais do que todas as drogas ilegais". Para o diretor, as "boletas" são consumidas em sua maioria pelo segmento feminino, por uma questão sócio-cultural.

Por não serem consideradas pesadas e por serem facilmente dissimuladas, as "boletas" se adaptam mais à mulher que, segundo o estereótipo masculino "não deve fumar maconha e nem cheirar cocaína". As poucas informações que os órgãos da saúde do Estado dispõem vêm de duas pesquisas inéditas e recentes. Alunos do Curso de Economia da Fundação Universitária de Blumenau

Existem 10 casos comprovados de HIV positivo no cadeia e, com a superlotação os presos com a doença em celas normais. "E não há perspectiva de mudança desse quadro", conforma-se Xavier.

Cleomar Alves dos Santos, 22 anos, foi preso por furto e condenado a 3 anos de reclusão. Cleomar trabalha na cozinha do presídio e diz estar sendo bem tratado. O traficante João Luiz Benevenuto, 33 anos, diz não ter nada a reclamar, apesar de vir pedir ajuda médica, pois está doente há alguns dias. Para o investigador Xavier "a tendência da superlotação é aumentar cada vez mais, tanto nos presídios quanto nas penitenciárias".

Cristiano Cardoso

Caco Barcellos

PM: perigo na ROTA

Quando menino de subúrbio em Porto Alegre, o jornalista Caco Barcellos já corria da polícia. Há um ano voltou a correr — desta vez por causa de seu livro "Rota 66", sobre crimes cometidos pela polícia. Na noite de 17 de setembro, Caco visitou a Faculdade de Comunicação da Univali. Numa palestra de mais de duas horas falou sobre sua carreira e o seu último livro. Ele estava em Itajaí fazendo uma matéria especial para TV Globo.

Caco Barcellos em dezenove anos de profissão já trabalhou na imprensa alternativa; em revistas como IstoÉ e Veja e atualmente é repórter especial da Rede Globo de Televisão. Exerceu também um trabalho paralelo de investigação que deu origem ao livro "Rota 66".

O livro relata homicídios praticados pela polícia militar de São Paulo. Em 1985, baseado em relatos de testemunhas e sete anos de investigação, Caco concluiu que a polícia militar foi a instituição que mais matou brasileiros em toda história — aproximadamente 7 mil pessoas. A Rota (Ronda Ostensiva Tobias de Aguiar), um batalhão especial militar criado em 1970 para combater guerrilheiros, foi o objeto central da pesquisa de Caco.

Um dos desafios foi identificar as vítimas assassinadas. De cada dez, oito eram tidas como desconhecidas e apresentadas como bandidos pela PM. "Co-

mo podiam afirmar que eram bandidos se eram desconhecidas?" — questiona Caco. O maior objetivo dele era provar que os assassinatos não ocorriam em legítima defesa como era alegado, mas eram sim, uma execução. Para isso traçou um perfil das vítimas: eram jovens, migrantes baianos, pobres ou pardos. Das quatro mil pessoas identificadas por Caco, 2.027 não tinham nenhuma passagem pela polícia.

Como fontes para a pesquisa, Caco e alguns ajudantes usaram as publicações do Jornal Notícias Populares, arquivos do Instituto Médico Legal, consultas à justiça de São Paulo e algumas pessoas que tinham ligação com os assassinos.

Depois da publicação do "Rota 66" Caco Barcellos sofreu ameaças de morte e perseguições. Principalmente porque denunciou 8 nomes dos 20 maiores matadores da Polícia Militar de São Paulo.

Para Caco, este trabalho de reportagem é um exemplo de jornalismo investigativo. "Hoje o jornalista não está cumprindo o seu papel, que é apurar os fatos sem faltar com a verdade, tornando-se assim, um inimigo da maioria da população. "Ele também tem consciência da dominação dos meios de comunicação. O resultado das investigações não poderiam ser divulgados na Rede Globo, por isso foi usado o livro. "Mas mesmo assim eu continuo e prefiro trabalhar em televisão, para poder contar histórias para muita gente", conclui Caco Barcellos.

Lizabete Lima, Gisele Teixeira



EXCLUSIVO Tenente PM contesta informações de Caco

O 1º Tenente da Polícia Militar de São Paulo Paulo Adriano Telhada, 31 anos, serviu no Batalhão Tobias de Aguiar (Rota) de 1986 a 1992, condecorado pelo governador de São Paulo com a Cruz de Mérito em Ouro, em 1990. Declarou em entrevista exclusiva ao Cohaia que Caco Barcellos foi unilateral; que os fatos são narrados e baseados em depoimentos de familiares; que nenhuma vítima de roubo ou de outro crime, praticado pelos indivíduos mortos pela Rota foram ouvidos; que pai ou mãe nunca dizem que seu filho realmente não prestava e que não houve nenhum depoimento de algum PM contendo sua versão.

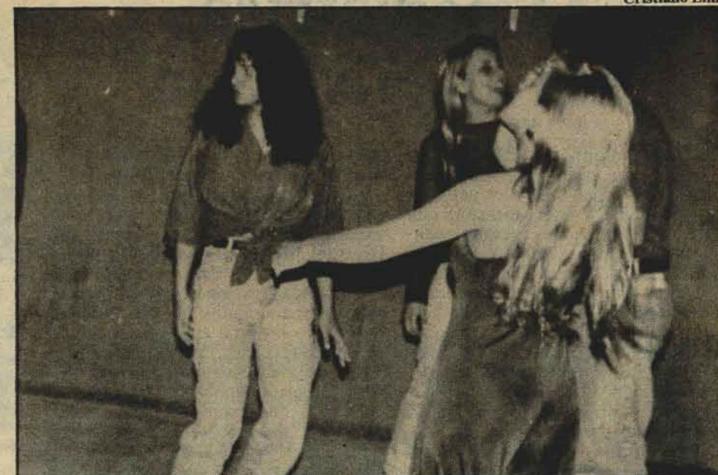
Na opinião do Tenente Telhada, Caco Barcellos escreveu o livro em tom sensacionalista, querendo promoção: "A tropa de Rota era destacada somente para atender ocorrências graves e quando chegávamos no local era para resolver o problema e não para dar moral a vagabun-

do", eram o último recurso, diz o Tenente. "Tivemos a nossa utilidade, milhares de pessoas foram salvas ou recuperados os seus bens através da Rota; nosso lema sempre foi dignidade acima de tudo".

Segundo o Tenente, Caco deveria escrever o livro conhecendo os dois lados da estória e não somente o lado de "cidadãos mortos pela Rota".

"Quando lerem o livro, o façam com cautela, ali está somente o ponto de vista de um homem que pensa, que conhece alguma coisa de nossa instituição; antes de nos criticarem, procurem conhecer a realidade dos fatos, não se deixando levar pela emoção", recomenda o Tenente Telhada.

"A quem cabe informar, pesa a responsabilidade da verdade, pois nem sempre esta verdade é vendável", diz.



Som, luzes, movimento... é o que as boates oferecem aos jovens donos da noite

Geração boate

A juventude atual prefere as boates

Há pelo menos dez anos os jovens frequentavam boates na maioria depois de completarem seus 15 anos, data em que as garotas debutam e os garotos, levados pelos pais, firmavam o seu "título de homem" nas famosas "zonas". Até aqui quem prova isso! Hoje, mais independentes e menos (informais), os adolescentes dos anos 90 vão sozinhos à Disney quando completam 15 anos e frequentam boates desde os 12.

Em função da modernidade, do consumismo, da própria liberdade progressiva e de toda uma cultura de massa estabelecida a sua volta, muitos desses jovens foram aderindo às tendências de moda e comportamento vindas da América, Europa, África. Essas influências possibilitaram uma pseudo-divisão de jovens e adolescentes em grupos específicos, adeptos então dos estilos: metaleiro, punk, dark, rocabilly, surfista, reggae e mais recentemente o grunge, sem falar nos "maurichinhos" e "patricinhas".

É nos finais de semana, principalmente aos sábados, que estes estilos, bem irreverentes e ousados encontram-se na "noite". As boates e casas noturnas já se tornaram, para eles "um programa indispensável"; é o local onde eles se reúnem para dançar, beber, bater um papo com amigos, namorar e até "ficar", que no vocabulário jovem quer dizer um namorico, tipo relâmpago, que dura algumas horas. "É melhor porque a gente fica livre de compromissos sérios para poder curtir quem e quando quiser", declara Juliana A. Ferreira, 17 anos.

Mas, muitas vezes, "ficar" não limita-se apenas ao bate-papo, beijar ou fazer um carinho, mas significa "transar" também. É por causa dessa "liberação" dos jovens que os pais "entram

em parafusos" com os filhos, principalmente quando vão a boates, onde a faixa etária do pessoal varia entre 12 e 25 anos, o número de jovens é mais acentuado e eles dispersam-se em grupos, podendo expressar mais facilmente os seus sentimentos, sem medo de sofrer críticas ou repressões. "A minha preocupação com esse tal de "ficar" e essa liberdade dos jovens é com doenças como a AIDS. Eu sempre aconselho o meu filho para que se cuide e use camisinha", expõe Leila Moroni, mãe de Eduardo Moroni, 18 anos.

A preocupação paterna não se restringe apenas à AIDS, mas também inclui drogas, bebidas e brigas de gangues, como se observa na Barra Sul, em Balneário Camboriú: "Dá briga porque os "nativos" daqui não gostam dos turistas "playboyzinhos" que vêm com a grana e pensam que são os "donos do pedaço", atesta Sérgio "Cacharel", "nativo" e frequentador assíduo do "final da praia", como é conhecida a Barra Sul. "Baby", ex sócio-proprietário da boate Baturité, rebate que "as brigas são geralmente sem motivos, muitas vezes envolvendo moleques que só querem aparecer".

As boates estão sendo o melhor programa dos finais de semana para jovens e adolescentes, apesar de todos os riscos que a noite oferece a eles.

Para Ana Amélia Rompato, psicóloga recém-formada na UNIVALI, a explicação é que: "estes jovens procuram o que é novidade, o "id" (impulso) que aflora, quer conhecer o que é novo, que lhe chama a atenção. Tudo isto faz parte do próprio desenvolvimento do indivíduo, são as fases pelas quais ele deve passar na busca de algo que lhe preencha".

Cristiano Lima, Deise Desirée e Telma Zanlucas

UTI pediátrica está encaixotada

A saúde infantil na região de Itajaí, além de precária, está submetida à política municipal. O médico pediatra e vereador do PT Volnei Morastoni luta por melhores condições e equipamentos para os pacientes. Ele faz parte do corpo clínico do Hospital Menino Jesus. Tendo este recebido de um casal americano uma UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) pediátrica, há quatro anos, e ainda não a instalou. Romeo Zipperer, diretor do hospital disse que se aproveita apenas 10% da doação.

Segundo Volnei Morastoni, havia uma condição para que esta UTI pudesse ser instalada, "ela tinha que ser recebida por uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos" e o Hospital Menino Jesus por ser particular não preenchia estes requisitos. Nesta época Morastoni começou a defender a idéia da UTI para o Hospital e Maternidade Marieta Konder Bornhausen, um hospital público.

Bastava que se abrisse uma ala infantil e o problema estaria resolvido. Mas a direção do Hospital Menino Jesus acreditava que os equipamentos eram para eles.

Em uma operação clandestina esta UTI foi levada do porto de Itajaí, onde estava, para o Hospital Menino Jesus, mas tudo foi lacrado pela Polícia Federal, sendo liberada depois de ter todos os impostos pagos por este hospital. "Eles não instalam porque não querem, na verdade monopolizam hoje a pediatria em Itajaí", finaliza Morastoni. Romeo Zipperer afirmou que "tem uma UTI pediátrica pela metade, que está sendo feita lentamente". Disse que todo equipamento recebido dos Estados Unidos é sucata. O custo da aparelhagem para uma UTI é muito alto.

Sua montagem já dura três anos e não há previsão para a conclusão da obra.

Morastoni alerta para a falta de atendimento psicológico, assistência social e recreação para as crianças do Hospital Menino Jesus. Este tipo de assistência faz parte do tratamento, faria a criança aceitar a internação e recuperar-se mais rápido. Enquanto que o diretor do hospital acha que o tempo de permanência da criança é muito pequeno, "então uma assistência psicológica à criança não daria nem tempo de começar". Para recreação elas recebem visitas de um grupo voluntário, não periodicamente, que promovem atividades com violão.

Para Jussara Maria Travisani, enfermeira-chefe do Posto de Saúde do Bairro de Cordeiros, o atendimento do

Hospital Menino Jesus é **p é s s i m o**. "Geralmente a gente encaixota e eles devolvem". Ivone Lúcia Moreno, diretora do Departamento de Vigilância e Epidemiológica, confirma que "o Cordeiros tem um problema sério, por brigas políticas... os encaminhamentos do Volnei às vezes eles tentam bloquear".

O Hospital Menino Jesus monopoliza a pediatria da região de Itajaí. Pelo Pronto-Socorro passam em média 150 crianças por dia, as causas mais comuns são bronquite, pontada e ferimentos leves. A maioria dos pacientes não procura atendimento nos postos de saúde de seus bairros, vão direto ao hospital. Iracema Lima do Nascimento, mãe de J.N.O. reclama: "A tarde nunca tem médico no posto".

Patrícia Riffel

Deniz Bertotti

Fabricia de Pelegrini



Hemodiálise é a solução para quem precisa de um rim e ainda não encontrou doador

Doação: nova chance

Em Santa Catarina só podem ser realizados transplantes de córneas e rins. Devido à falta de infra-estrutura dos hospitais, não são transplantados órgãos como coração, fígado e pulmão. Além da falta de laboratórios imunológicos e equipes médicas, que impossibilitam o transplante múltiplo, é pequeno o número de doadores.

Mesmo quando ocorre uma doação, como no caso da família de Fábio Bernardino, 21 anos, ainda são encontradas sérias dificuldades. Ele e o irmão Robson, 16, sofreram um acidente na BR-101 e após constatada a morte cerebral de Fábio, os pais acabaram enfrentando uma verdadeira maratona para encontrar um hospital que fizesse a retirada dos órgãos, o que só foi feito em Curitiba.

Por este motivo, só foram doadas as córneas de Robson: "Não tivemos apoio por parte dos médicos e a doação só se realizou com a ajuda da assistente social do Celso Ramos", diz o pai dos jovens, Edson Bernardino. Segundo Luiz Miroski, diretor clínico do Hospital de Caridade em Florianópolis, as dificuldades para a instalação de um banco de órgãos são de ordem técnicas e financeiras. Mas já existe um projeto junto à Secretaria de Saúde para este fim. O hospital só está esperando a liberação de verbas: "É um custo muito alto para um uso relativamente restrito, já que não se fazem transplantes todos os dias", explica.

No Estado, o transplante de rins é feito em Blumenau, Joinville, Lages, Chapecó, Criciúma e Florianópolis. A hemodiálise, operação mecânica que substitui a função do rim, deve ser feita por todos os que aguardam uma doação. Para evitar a comercialização de órgãos, o transplante renal de doador vivo só pode ser feito por pessoa da família, ao contrário do doador vivo só pode ser feito por pessoa da família, ao contrário do doador de córnea, que não permite que a doação seja destinada a uma determinada pessoa.

Em Florianópolis, o transplante de córnea é realizado nos Hospitais Celso Ramos e Regional e na Casa de Saúde São Sebastião. O paciente, após procurar o Banco de Olhos, é inscrito numa fila. A incompatibilidade entre a córnea doada e o receptor leva à rejeição, num índice de 5% a 10% (-) considerado baixo pelo oftalmologista Ernani Luiz Garcia.

Ernani explica que com as campanhas de doações feitas por entidades como a LBA e o Hemosc (Hemocentro), aumenta o número de doadores. O diretor do Hospital de Caridade, Luiz Miroski, no entanto, acha que de nada adiantam as campanhas, sem que haja estrutura nos hospitais para serem feitos os transplantes: "Mas afinal é válido porque alerta as autoridades", conclui.

Cleide Ramella

Violência: mulheres têm assistência

São cada vez mais frequentes os casos de agressão contra mulheres, sendo que só em Joinville há uma média de 150 registros por mês, ocasionados pelos mais diversos motivos. Mas desde março de 91 as mulheres podem recorrer a um local especializado, onde conseguem assistência jurídica e psicológica. Trata-se da Delegacia de Proteção à Mulher, uma grande conquista que ainda não tem previsão de instalação em Itajaí, mas que já conta com advogados como o delegado Branquinho.

Em Joinville, 40% dos casos atendidos são motivados pelo alcoolismo, o que levou à criação de um setor especializado em alcoólicos. Através de um trabalho de terapia em grupo, a Delegacia presta assistência psicológica às esposas e filhos dos viciados. "Nós sempre tentamos chegar a um acor-

do com o acusado. Se ele não fizer o tratamento, será processado. Aqueles que aceitam voltam para continuar", diz a delegada Marilize Boehm Lima, responsável pela Delegacia. Essa iniciativa vem dando ótimos resultados.

Para a delegada, as mulheres estão se conscientizando da importância de uma delegacia nesses moldes. Segundo Marilize, não são só as pessoas de classe baixa que procuram o local em busca de orientação, mas também as classes média e alta. Por essa razão estão três psicólogos para atender os casos de natureza leve (tapas, agressões verbais), que, já resgataram cerca de 300 casais, quase todos vítimas do alcoolismo. Essa iniciativa resulta em poucos casos de reincidência, e há homens inclusive que voltam à delegacia procura-

rando orientação.

Uma delegacia desse tipo é também uma boa referência para se buscar dados relacionados a violência contra a mulher. Mas para Marilize Boehm poderia ter uma atuação bem melhor se tivesse uma estrutura mais adequada. Ela afirma que "só boa vontade não basta. Falta equipamento e material humano". Na opinião da delegada, cada vez mais deveriam ser criadas delegacias especializadas, pois elas atendem melhor os problemas referentes a cada área.

Delegacias especializadas, no entanto, não são o forte de Itajaí. O município não conta com um local específico onde as mulheres possam buscar ajuda, e, se houvesse, teria pela frente um veemente adversário: o delegado Dianário Marcos Branquinho. Ele não acha

necessário uma delegacia em assuntos da mulher, já que o número de casos no município é pequeno. "A Delegacia da mulher é um modismo besta, uma demagogia barata. Barata não, cara", declara Branquinho. Sem revelar números ou informações, dificultando estatísticas em relação aos casos de violência contra a mulher em Itajaí, o delegado Branquinho é radical em sua posição: "Eu acho que a Delegacia da Mulher é uma forma delas dizerem que nós, homens, não temos competência para tratar dos seus assuntos". Ele é a favor da criação de uma unidade que trate exclusivamente de casos relacionados à mulher, o menor e adolescente apenas em grandes centros onde existe um volume muito maior de crimes.

Rubens Herbst,
Ariane dos Santos

As Máximas do Branquinho

"Se é intenção da delegacia da mulher inibir os crimes praticados contra a mulher, esqueça. Não inibe droga nenhuma".

"As mulheres que vêm para essa delegacia são pessoas bem 'chulé', de classe baixa. A Delegacia da Mulher é uma questão de cultura".

"A mulher só apanha por medo, e se ela tem medo do marido, não vem nessa nem em outra delegacia, porque sabe que o bicho pega..."

"Se a mulher apanha de homem covarde é porque ela é mais covarde que ele. Se ela não cai fora da vida dele é porque gosta de apanhar".

"Palhaçada. Prende o marido e a mulher vem com os filhos para dormir no banco da delegacia".

Mercado mantem demissões

A falta de uma política de incentivo às atividades econômicas em Itajaí pode ser considerada hoje como a principal causa do alto índice de desemprego na região. A constatação é dos Sindicatos dos Metalúrgicos e dos Trabalhadores na Empresa da Pesca em Santa Catarina — SITRAPESCA. De acordo com seus representantes, desde o ano passado empresas destes dois ramos vem fechando as portas.

Somente de janeiro a agosto deste ano, foram demitidos aproximadamente mil trabalhadores nos grandes e pequenos estaleiros navais de Itajaí. Para o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Ivanir Vassoler, a falta de desenvolvimento na construção naval gerou crise desencadeada no início de 93.

Atualmente as três maiores empresas no setor (Merlin Gerin Brasil S/A — Corena e Ebrasa) mantêm um quadro efetivo de funcionários cada. Em anos passados elas geravam empregos diretos para mais de 800 pessoas.

Na pesca, a situação é ainda mais grave. Apesar de não apresentar dados oficiais, o secretário do SITRAPESCA, Aloísio Vieira da Silva aponta que a atual legislação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis — IBAMA —, obriga indiretamente o trabalhador a manter o seu emprego somente seis meses

por ano, devido ao período da desova. O sindicato conta com 1.600 filiados, sendo que apenas 10% mantém a sua contribuição em dia. Para Aloísio isso comprova a dificuldade de se viver com um piso exigido pela categoria, em torno de CR\$ 14.409,00. "Talvez uma das poucas alternativas para a nossa classe seja o Mercosul", lamenta, acreditando ainda na existência de uma luz no fim do túnel.

Os estivadores que atuam no porto de Itajaí enfrentam dificuldades na busca de serviço. A lei 8.630, aprovada pelo Congresso Nacional em 25 de fevereiro deste ano, é apontada como causa principal dos índices de desemprego entre a classe portuária desde que entrou em vigor. Ela impede que os sindicatos contratem mão-de-obra nos portos do país. Antes da promulgação os sindicatos tinham poderes na contratação. Segundo o presidente do sindicato, Saul Aéreo, "É uma coisa absurda".

A nova lei contém quinze pontos de inconstitucionalidade". Ele informou que aproximadamente 250 pessoas se oferecem diariamente para trabalhar na estiva. "Nós estamos impedidos na contratação em face da tramitação dessa lei", justificou-se.

A quantidade de pessoas que busca uma oportunidade de trabalho na agência de empregos Seletiva demonstra que a maioria procura atividades

sem nenhuma especialização. O acúmulo de propostas na área técnica é apontado pela falta de pessoal qualificado. "Muitas vezes as empresas têm de investir em alguém de fora", concluiu a psicóloga e funcionária da agência, Lucimeri Adriana Schmitt. Só no mês de agosto, 155 pessoas procuraram a Seletiva na tentativa de arrumar trabalho.

Em torno de 30 pessoas por dia

procuram o posto de atendimento do SINE (Sistema Nacional de Empregos) em Itajaí para requerer o seguro desemprego. De acordo com o subgerente do órgão, Bruno Schmitt da Luz, a procura pelo benefício vem se estabilizando, o que não chega a representar um fator positivo dentro das poucas oportunidades oferecidas pelo mercado.

Dimitri Valle, Marcelo Santos

Empregos em alta

JANEIRO A AGOSTO/93

VAGAS

1. Alimentador da Linha de Produção	189
2. Auxiliar de Serviços Gerais	132
3. Manipulador de Pescado	82
4. Vendedor Pracista	56
5. Auxiliar de Escritório	46

FONTE: SINE Itajaí

Monopólio do coletivo não satisfaz população

O Supremo Tribunal Federal ainda não se manifestou a respeito da abertura de licitação para exploração do serviço de transporte coletivo em Itajaí. Enquanto isso, a população permanece com os mesmos problemas. Escassez de ônibus nos finais de semana e veículos lotados em horários de maior movimento.

Desde 1966 esse serviço vem sendo explorado somente pela Empresa de Transporte Coletivo de Itajaí, que é privada. A Lei Orgânica do município publicada em abril de 1990 estabelecia que no prazo máximo de 90 dias deveria ser aberta licitação para que outras empresas explorassem o transporte urbano. No entanto, na época em que o Executivo ia publicar os editais a Coletivo entrou com mandado de segurança, alegando que tinha direito à exclusividade até 1996.

Como a justiça concedeu liminar favorável à empresa, o Executivo recorreu a uma instância superior e a Coletivo acabou precisando recorrer ao Supremo. No ano passado, o ex-prefeito João Macagnan, no final do seu mandato, encaminhou à Câmara de Vereadores uma emenda que alterava a Lei Orgânica. Pedia que o Executivo não fosse obrigado a abrir concorrência substituindo a palavra "deverá" por "poderá". O projeto foi aprovado por 17 dos 21 vereadores.

Segundo o vereador Volnei Morastoni (PT), o ex-prefeito mandou o projeto e os vereadores aprovaram porque não tinham independência para ad-

ministrar. "Por trás do Macagnan havia o grupo do Arnaldo Schmitt que possui ligações com a empresa Coletivo", diz Morastoni.

Em maio deste ano, o Legislativo optou novamente pela obrigatoriedade na abertura de licitação, porém o Executivo depende da decisão do Supremo para abrir concorrência. Enquanto a questão continua indefinida, os usuários do transporte coletivo ainda reclamam dos serviços prestados pela Coletiva. "Os ônibus que vão para a mesma zona da cidade saem todos no mesmo horário. Depois das 19 horas só tem ônibus de hora em hora e nos finais de semana a demora é muito grande. É um absurdo, a prefeitura tem que abrir concorrência para melhorar", reclama a moradora do bairro São João, Terezinha dos Anjos.

O proprietário da empresa Coletivo, Sérgio Rizzi, alega que consegue atender a população de Itajaí. "Nos finais de semana, nos bairros mais populosos, a frota de ônibus circulando continua a mesma. Porém o número de passageiros diminui em aproximadamente 50%. Se houver mais uma empresa explorando o serviço de transporte, a qualidade dos serviços continuará a mesma. A minha empresa irá reduzir o número de ônibus e o concorrente irá colocar a quantidade que eu retirei. Sendo assim vai haver somente a divisão do serviço" argumenta o empresário.

Maria Aparecida Tridapalli, Ivonete Lopes

Reciclagem de lixo: uma opção lucrativa

Todo lixo produzido em Itajaí — cerca de cem toneladas por dia — é levado para o aterro sanitário em Caianduba. O local é impróprio e compromete os lençóis de água pelo contato com o chorume proveniente do lixo. A informação é do secretário do Meio Ambiente de Itajaí, Ricardo da Silva.

A cidade não possui sistema de reciclagem. Apenas uma campanha de cons-

cientização, desenvolvida pela Secretaria do Meio Ambiente, é realizada nas escolas municipais. No próximo ano pretende contar com o trabalho dos alunos na seletividade do lixo.

Já no município de Balneário Camboriú, o sistema de coleta e tratamento seletivo do lixo reciclável vem trazendo bons resultados. Todo o material é levado para a usina na Várzea do Ranchinho.

Sônia Regina



Na usina, o lixo é transformado em nova matéria-prima

Completando dois meses de funcionamento, a usina processou em agosto, oitenta toneladas de lixo reciclável e pelo balanço contábil do mês passado, economizou 362 mil cruzeiros reais para os cofres públicos, só com a redução do uso do aterro sanitário de Itajaí.

Com a chegada do verão, a produtividade tende a aumentar, pois o acúmulo de lixo triplica nesse período. A Prefeitura pretende ampliar as instalações da usina.

Já foi adquirida uma nova prensa hidráulica destinada a compactar e enfardar a sucata, concentrando maior peso em menor volume e contribuindo assim para o armazenamento, transporte e comercialização dos recicláveis.

Pedro Paulo

Semana apresenta balanço positivo

“Formação Universitária para o Mercado de trabalho” foi o tema da 2ª Semana de Jornalismo da Univali, que aconteceu entre 4 e 10 de outubro. A promoção da AJA (Associação dos Jornalistas Acadêmicos), apesar de todas as dificuldades e eventuais falhas, vem aos poucos se consolidando. A

escolha dos temas e convidados foi um dos trunfos que o pessoal da organização conseguiu para garantir a qualidade do evento. A resposta, no entanto, não foi das melhores. Ou seja, em alguns dias a participação dos alunos não correspondeu. Talvez a escala de assuntos ao longo dos dias não tenha

sido acertada; talvez a divulgação não tenha sido perfeita. Nas oficinas, também, a participação foi abaixo do esperado (ler matéria no box). De qualquer forma, o esforço da organização deve ser destacado. A seguir, os alunos do sexto período resumem as palestras:

O presidente do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina, Sérgio Murilo, falou em sua palestra sobre a situação de mercado de trabalho dos jornalistas catarinenses, e concluiu que grande parte dos profissionais se encontra no mercado alternativo, prestando assessoria para diversas entidades, e concluiu que nesse mercado há uma perda de sentido da própria profissão.

Os jornalistas Itamar Aguiar, José Augusto Gayoso e Priscila Siqueira debateram as alternativas de mercado de trabalho e a realidade dos grandes meios de comunicação. A análise da suposta desvinculação partidária do jornal Folha de São Paulo foi o tema principal da explanação. Para Gayoso, o que vigora na imprensa brasileira é “um tipo de apartidarismo e neutralidade que interessam ao dono do jornal”. O enfoque de Itamar é sobre os textos editoriais do jornal durante as eleições presidenciais de 89 e a antecipação da revisão constitucional. Priscila

disse que o comunicador verdadeiro acredita em todos os espaços; não existe imparcialidade, deve-se procurar todos os lados e tentar chegar o mais próximo possível da verdade.

Alcides Dutra, diretor do projeto Larus, da UFSC, falou sobre as novas propostas de ensino, e frisou várias vezes que o jornalista atual tem que conhecer um mínimo de conceitos básicos sobre o meio ambiente. Outro fator destacado por Dutra foi o fato de quase não haver, nas faculdades de comunicação, profissionais ministrando especificamente sobre o tema ecológico, o que, na visão dele, é uma falha ainda em tempo de se corrigir.

A jornalista Marta Campos questionou a utilidade de uma integração entre os países do Cone Sul, colocando a diferença cultural entre os participantes do Mercosul — Argentina, Paraguai, Uruguai, Chile e Brasil (sul). O maior obstáculo, segundo ela; para o profissional de comunicação é “não ter a mesma lin-

guagem e realidade social, comprometendo a apuração dos fatos. Outra preocupação de Marta está em não se repetir no Mercado Comum do Sul, o que ocorreu no Mercado Comum Europeu, onde a cultura era tratada como mercadoria.

O diretor de redação do jornal ZERO, da UFSC, falou sobre a função de um jornal laboratório. Em sua explanação, ele disse que o Zero serve de base e complemento para o aprendizado dos futuros jornalistas, abrindo espaços para a produção de artigos.

O jornalista Gastão Cassel falou sobre a imprensa sindical, desde o seu nascimento, nos anos 60 e 70 como veículos contra a ditadura da época, até os dias de hoje, quando se transformou em um veículo sério e comprometido com a verdade dos fatos. Segundo Cassel, o jornal sindical valoriza o próprio jornalismo, competindo com qualquer outro do mercado. Além disso, proporciona a li-

berdade, uma vez que as pessoas ali têm o direito de opinar em tudo.

Cristina Tramonte, jornalista, fez um breve histórico sobre vídeo popular, e esclareceu a difícil tarefa deste meio de comunicação, além de revelar que as associações de vídeos barateiam os custos e popularizam a sua utilização.

A professora de USP, Maria Emaculata Lopes, defendeu a formação, nas escolas de comunicação, de profissionais com “visão global”. Ou seja: que o currículo contemple o conhecimento integrado das mais diversas áreas da comunicação, como cinema, rádio, TV, jornalismo, publicidade e relações públicas. Ela coloca ainda que o fundamental no processo de ensino-aprendizagem, é a qualificação dos professores, através de contínua reciclagem de conhecimentos.

Texto final: André Silveira

Migração gera problemas

Desenvolver ações integradas para controlar a migração e evitar o surgimento de mais favelas será o principal tema a ser debatido no 5º encontro sobre o movimento migratório, que acontecerá nos dias 5 e 6 de novembro em Balneário Camboriú. Participam aproximadamente 100 municípios de Santa Catarina, que criaram subcomissões regionais ligadas às secretarias da área da Ação Social, para buscar soluções para os problemas relacionados a qualidade de vida dos migrantes.

Após pesquisar o crescimento desordenado da cidade, o secretário do Bem Estar de Itajaí, Márcio Antônio Silveira, criou o “Movimento Migração”. Municípios vizinhos foram convidados a participar de uma reunião para assinar um termo de ação conjunta visando enfrentar o aumento acentuado da favelação da região.

Com a implantação de indústrias e o aumento do fluxo turístico no Estado, a Grande Florianópolis, Litoral, Oeste, Alto e Médio-vale e Planalto Serrano são regiões onde o problema migratório, déficit habitacional e desemprego preocupam. Estão sendo realizadas reuniões desde abril, para se diagnosticar a real situação destas comunidades. Sem trabalho e lugar fixo para ficar, os migrantes constroem precários barracos em áreas desocupadas, formando as grandes favelas.

Segundo Márcio Silveira, é fundamental que todo o Estado trabalhe integrado para que se possa cobrar verbas

e investimentos estaduais e federal. “Um dos maiores problemas de Santa Catarina é o êxodo rural. Criamos um programa de orientação ao migrante nas cidades onde há rodoviárias, informando-o que não há emprego nem moradia digna. Mas a solução seria a reforma agrária e o incentivo ao agricultor” — completa o secretário, afirmando que não existe forma de impedir a migração.

De acordo com os relatórios apresentados nas reuniões entre os representantes das secretarias da Ação Social, os municípios que mais sofrem com a questão migratória são Itajaí,

Balneário Camboriú, Blumenau, Joinville e Florianópolis. Nestas cidades o comércio e a indústria estão colaborando com roupas, medicamentos, cestas básicas e passagens para que os migrantes retornem. A idéia de envolver a iniciativa privada na melhoria das condições de vida dos migrantes se desenvolvem e projetos neste sentido vêm dando certo nestes locais. Pretende-se agora realizar uma campanha estadual de conscientização para empresários e dirigentes de organizações governamentais da importância da agricultura e apoio aos cursos superiores na área agrícola.

Texto e fotos Patrícia Castro



Processo migratório provoca surgimento de favelas

Estudantes não prestigiam as oficinas

Se o desinteresse dos estudantes já foi notado durante as palestras, nas oficinas então, o desastre foi ainda maior. Das dez programadas, duas foram canceladas por falta de participantes. As oficinas de imprensa sindical e imprensa estudantil foram integradas, também devido ao escasso número de inscritos.

A oficina com a maior participação foi a de texto jornalístico, realizada na sexta-feira à tarde e a menor foi a de imprensa estudantil, trabalhada no domingo, com apenas duas pessoas.

Mas quem participou, deve ter aprendido bastante. O pessoal de vídeo alternativo, por exemplo, fez dois curtas-metragens e entrevistas entre si.

Claudia Batschauer